Maria no Movimento dos Focolares também chamado *A Obra de Maria* 
Chiara Lubich
Maria no Movimento dos Focolares e o Rosário

CHIARA LUBICH

No dia 28 de abril de 2003, durante o Congresso Mariano Internacional em Castel Gandolfo (Roma), Chiara Lubich apresentou a relação que existe entre a Obra de Maria e o Rosário. Na primeira parte, ela descreve Maria na experiência do Movimento dos Focolares, enquanto na segunda parte apresenta Maria como modelo de perfeição.

No dia 16 de outubro do ano passado, o Papa me entregou pessoalmente uma mensagem, confirmando o que todos os focolarinos, a tarefa de cooperação para dar o devido destaque e divulgar o santo Rosário neste ano e o que ele dedicou.

Agora alguém poderia perguntar: Quais foram os sentimentos dos membros do Movimento e, especialmente, os seus, diante desse pedido, de tal privilegio?

Em primeiro lugar, senti uma gratidão renovada pelo Papa, que quis demonstrar mais um gesto de confiança em relação para nossa Obra. E, naturalmente, adérii de imediato e essa sua vontade específica. Ao mesmo tempo, senti no meu coração um desejo ardente: descobrir a relação entre uma realidade espiritual, como é a nossa (focalizada na vivência e na irradiação do Evangelho, e contribuir assim, na Igreja, a realizar o testamento do Jesus, ou seja, a unidade), e a difusão dessa devoção gloriosa à Maria.

As primeiras intuições

Lembrar vagamente que Maria, embora fosse sempre amada por nós, por mim, apresentou-se num momento bem determinado, no início do nosso Movimento, quando o Espírito Santo, com seu carisma novo, começou a irradiar sobre nós a sua luz. Porém, não lembrava mais do que isso. No entanto, intuí que eu devia concentrar justamente ali a minha atenção para obter uma resposta.

A certa altura, contrariando qualquer previsão, no enorme patrimônio de papéis e documentos da nossa história, eis que encontrei, exatamen
te noque dia, um escrito meu dos anos 80 que me deu algumas explicações.

O texto começava com as palavras de carinho que nutrimos um ao outro: "A Maria, a sua glória, glória que ela, "transpululância do Deus", diriga sempre ao ele.

Mas, a nossa Obra devia ser, em primeiro lugar, um Rosário vivo e é por isso que, com o intuito sobrenatural, nós buscaremos o nome de "Obra de Maria".

Depois dessa primeira manifestação de Maria, por algum tempo não tivemos nenhuma outra circunstância que ela nos visse agindo como faz na Igreja primitiva: não aparecer para dar tão o espírito a Jesus e a Maria e a Cristo, e uma porta - dizíamos - não é porta se não se abre para deixar passar.

Só mais tarde compreendemos que tudo o que aconteceu com o Movimento nascente não seria possível sem a sua influência, sem a sua presença, ainda que velada.

Do fato, o novo estilo de vida, a "espiritualidade da unidade", cujos pontos fundamentais foram o Espírito Santo e o Rosário, foi escultíneo no nosso coração com caracteres de fogo, recuados no como o leite de Maria que nutria a nossa alma.

Foi aquelas verdades, extraladas do Evangelho e vividas por nós: Deus

Palavras vivas! Outras pequenas Maria!

Era a luz que eu guardava. Essa era, e é, a relação fundamental entre a nossa Obra e o Rosário.

Reflexão
Amor, a vontade de Deus, a Palavra, o amor ao próximo, Jesus crucificado e abandono, a unidade, encadeadas uma na outra, viriam a dar-nos a possibilidade, pelo amor mútuo, de "gerar" — como se exprimiu Paulo VI — a presença de Jesus entre nós. "Onde dois ou mais estiverem reunidos no meu nome ("no meu amor"), explicam os Padres da Igreja, ali estou eu no meio deles" (Mt 18,20).

Jesus espiritualmente presente entre nós! O mesmo Jesus que, fisicamente, nascou de Maria. Afirmo o Concílio: "(...) Só Maria e o Espírito Santo fazem crescer o amor em cada coração de todos nós".

Por isso, também naquele período, podíamos supor que, com o Espírito Santo, também Maria estava presente.

Esplendor de luz

Mas, quando chegou o momento de ela entrar, por assim dizer, oficialmente no nosso Movimento, então Maria se apresentou — ou melhor, Deus nos-revelou grande — na mesma proporção que ela soubesse desaparecer. Grande, grande.

Foi no ano de 1949, num período de graças particulares, (provavelmente um período "iluminativo" da nossa história) que Deus disse ao nosso coração algo sobre Maria.

Palavra de Deus

Por exemplo, compreendemos que Maria, inserida como rara o único criatura na Santíssima Trindade, era toda Palavra de Deus, toda reseita da Palavra de Deus. A nossa impressão diante desse conhecimento foi tão forte, que nos pareceu somente os anjos poderem balbuciar algo a seu respeito.

Com efeito, se o Verbo, a Palavra, é o esplendor do Pai, Maria, "substanciada" pela Palavra de Deus, aparecia a nós com uma beleza incomparável.

Afinal, que Maria é toda Palavra de Deus já se nota no Magnificat, cuja originalidade consiste no fato de ser justamente uma sucessão de frases da Escritura: a Virgem se alimentava de tal maneira das Escrituras que, ao falar, estava acostumada a usar as suas mesmas expressões.

Ficou-nos claro que aquilo que caracterizava Maria — embora na sua perfeição impar — devia ser o mesmo que qualificava todo cristão: repetir Cristo, a Verdade, a Palavra, com a personalidade que Deus lhe deu.

Ver Maria assim, com a alma, atrair-nos fortemente; e nascem em nós um novíssimo amor por ela.

Mãe de Deus

Esse nosso novo amor a Maria, amor no qual ela respondeu evangélicamente, mostrando-nos de modo ainda mais claro o que a tornava tão grande que mais do que isso é impossível: ser Mãe de Deus, a Theós.

Portanto, ela não só é, como possuíamos antes, a jovem virgem de Nazaré, a mais bela criatura do mundo, o coração que contém o supo-

ra o amor de todas as mães de nosso planeta, mas era Mãe de Deus.

E foi-nos suficiente uma intimidade mínima deste mistério para que nós nos esmudecessemos em adoração e agradecimento a Deus, por ter realizado tanto em uma criatura.

De fato, compreendendo-a desse modo, não restou-nos a impressão de que Maria nasceu de uma dimensão sua, que, até então, ignorávamos quase completamente.

Para fazer uma comparação, antes vinham Maria diante de Cristo e dos santos como no céu se vê a Maria (Má 24,40) e das estrelas (os santos). Agora não: a Mãe de Deus abracava, como um enorme céu azul, o próprio sol, o próprio Deus.

Deus, no Seu amor ilimitado por essa criatura privilegiada, de certo modo tinha-se "feito pequeno" diante dela. Ele "desceu-se de Se mesmo" (cf. Fl 2,7), afirmam São Paulo de Jesus. É isso que teve início no seio de Maria.

Lembremos que, depois de compreendermos, ao menos um pouco, o quanto ela era grande, tínhamos vontade de gritar: todos: só agora conhecemos Marias!

Ver Maria como Palavra de Deus sempre nos pareceu rico de consequências, por exemplo, no âmbito ecumênico: que alegria sentem nossos irmãos evangélicos, ligados ao Movimento, quando a descobrem assim: a "pessoificação" das Escrituras, que eles tanto valorizam.

E, ao mesmo tempo, se Maria é Palavra de Deus, todos podem compreender por que certos cristãos a vêem, a veneram e a seguem como a própria líder, depois de Cristo; porque a cantam, pintam, dedicam a ela versos.

No entanto, é claro que, se Maria é também Mãe de Deus, ela é também muito diferente de todos os outros cristãos. Se o próprio Deus a embelezou a ponto de encontrar nela grã, de exclamação, talvez como dizem as palavras do Anjo: "... O cheiro de grã, o Senhor é contigo" (Le 1,28), cabe-lhe um lugar especial.

Assim compreende-se por que, nas igrejas católicas e ortodoxas, há imagens de Maria, e adquire significado toda manifestação de homenagem e carinho que os homens lhe dirigem.

A Desolada

Além disso, há um aspecto do que Maria que atrai o interesse do Movimento desde que ela nasceu. É a Virgem na sua relação com o sofrimento: Nossa Senhora das Dores, como é popularmente chamada. Nós a chamamos e Desolada. Desolada, nome que evoca a solidão que, muitas vezes, Maria teve de enfrentar na vida, especialmente aos pés da cruz, sempre sabendo perder tudo para fazer-se um com a vontade de Deus.

Quando Jesus, indicando Jesus, lhe disse: "Mulher, olha o teu filho" (Jo 19,26), Maria viveu a terrível provação de perder Jesus, não só porque Ele estava morrendo, mas também porque um outro deixou com ela e seu lugar sofrimento terrível para o coração de uma mãe.
Maria, nosso modelo

Lembro-me de que, depois dessas iluminações — se assim podemos chamá-las —, pelo amor que ela demonstrou por nós e pelo amor a ela que cresceu no nosso coração, aconteceu consigo o que dissera, ainda criança, Santa Teresa de Lisieux: "Percebi (...) que eu era sua filha (de Maria) e por isso só podia chamá-la; ‘Mamãe’.

Demonstramos também — num modo que nunca podermos esquecer — de que Maria era a nossa mãe. Ou melhor, essa convicção, que então brotou, foi tão forte que nos fez sentir Maria "mais mãe do que as nossas mães".

Maria foi um poço de tantas inspirações na nossa vida que agora só é possível enumerar. Como quando, imitando o significado da nome atribuído a ela: Mãe do Belo Amor, compreendemos que ela desejava que também nós participássemos de algo da sua maternidade de amor. Ou como quando vê, de vez em quando para nós o fato de ela ser serva de Deus, criatura mínima diante de te, recolhida em adoração. Ou quando, por exemplo, percebe e com compreender melhor o quanto ela, instruída, pelo Filho, amava o Pai, que ela era verdadeiramente a Filha por excelência. "A filha predileta do Pai", como é definida pelo Concílio Vaticano II, extraordinariamente bela, a Mulher de amor, como nós próprios definí-la.

Depois, ficou-nos clara a "exemplaridade" de Maria, a sua "tipicidade". Ela representava o nosso modelo, o "dever se", enquanto vivíamos cada um de nós como um "poder ser" Maria.

Por isso, cada um de nós vislumbrava a possibilidade de se tornar uma pequena Maria, semelhante a ela, como uma filha que tem unicamente os traços de sua mãe. Essa convicção foi confirmada por um episódio singular.

Um dia, alguns anos depois, impelida, creio eu, pelo Espírito Santo, entrei numa igreja e, com o coração cheio de confiança, perguntei a Jesus: "Por que ele quis permanecer na terra, em todos os pontos da Terra, na dulcíssima Eucaristia, e não encontrou um modo de deixar aqui também sua mãe, para nós que precisamos de ajuda na viagem da vida."

De sacramento, no silêncio, ele parece responder: "Não a deixe, porque quero revê-la em Ti (em vós). Mesmo que não sejas inacabados, o meu Amor vos purificará, vos virginizará, e vós abriréis braços e corações de mães à humanidade, que, como outrora, tem sede de seu Deus e da Mãe dele."

A vós, ora, cabe levar as dores, sanar as chagas, enxugar as lágrimas.

Cantai as ladainhas e procura espelhar-vos nelle".

Lembro ainda que, um dia, pedi a Maria que formasse para si na Terra uma família de filhos e filhas todos iguais a Ele, com a sua mesma fisionomia espiritual. E que, se sabes que não foi por aquela oração, talvez sugerida por ela mesma, que Maria olhou para nós, apesar da nossa absoluta indignidade, o que fizeram o nosso Estatuto, apreciado pela Igreja em 1990. Ele diz que a Orba de Maria "deseja ser — na medida do possível — uma presença de Maria sobre a Terra e como que uma sua continuação."

Um novo caminho

Maria é o modelo e a forma da Igreja, e por isso é evidente que, em tão sublime criatura, todos os cristãos podem encontrar o próprio modelo. Foi assim também para nós. Com efeito, descobrimos em Maria a nossa forma, o modelo do nosso caminho de perfeição.

E os diversos momentos da sua vida, apresentados pelo Evangelho, mesmo sendo extraordinários, dellínearam-se como etapas sucessivas para as quais o nosso espírito podia olhar nas diferentes idades da vida do espírito, para delas receber luz e estímulo.

E a iluminação foi tão intensa que chamamos a nossa estrada "Via Maria, o caminho de Maria".

Alguém etapas, em uma síntese máxima, feita quase só de tópicos.

Um primeiro episódio da vida de Nossa Senhora é a Anunciação (Le 1,26 ss), quando o Verbo se encarna em seu seio.

Se procurarmos entender a vida de certos Santos, veremos que algo semelhante aconteceu também com eles.

Quando se visita a Igreja de São Damião, em Assis (na Itália), onde Santa Clara viveu, é provável que o guia, mostrando aquela lugar sagra do, diga: "Aquí Cristo encarnou-se no coração de Clara". Embora Clara de Assis já fosse anteriormente uma cristã fervorosa, o encontro com São Francisco (que personificava a palavra "pobreza", repetida ao mundo, e virtude de um carisma do Espírito) provocou nela um fundamental: voou-se fazer desenvolver e crescer Cristo na sua alma, até transformá-la numa das maiores santas da Igreja Católica.

Assim, quando alguém depura com o carisma da união e comenta torná-lo próprio, acontece também nele algo não semelhante ao que aconteceu com Maria e com certos Santos, Cristo, em seu coração, pode de fato crescer espiritualmente, como por uma atualização do Batismo.
O segundo episódio da vida de Maria é a sua visita a Isabel a fim de ajudá-la. Porém, assim que chega, encontrando na sua presença a primeira alma aberta aos mistérios de Deus, sente que lhe pode comunicar o seu grande segredo, e Maria o faz com o Magnificat, narrando, desse modo, a Isabel a sua extraordinária experiência.

Todas as pessoas que conhecem o Movimento e escolhem Deus como ideal da própria vida observam que, para concretizar essa escolha, devem começar a amar. E amam. Mas o amor é lúgubre, e elas compreendem algumas coisas sobre a ação de Deus presente nelas, reconhecendo pela primeira vez o fio do ouro do seu amor em suas vidas. E contam aos irmãos, com alegria, o que compreenderam. É essa a sua experiência.

O terceiro acontecimento da vida de Maria é o nascimento de Jesus (Lc 2,7; Mt 1,25).

No Movimento, nós amamos e somos amados, porque todos desejam amar. Mas esse amor mutual prodúz a presença de Jesus entre os homens, sendo — como já acenado —, um “gerar Cristo” imitando Maria.

Maria apresenta o Filho no Templo e encontra o velho Simeão. É um momento de alegria para Maria, porque aquele homem, justo e piedoso, confirma que o menino é Filho de Deus. Todavia, é também um momento de dor, pois Simeão lhe diz: “Uma espada te traspasará a alma” (Lc 2,35).

Também quem vive a espiritualidade do Movimento passa por um momento semelhante.

Eu quando lhe é anunciado que, para poder caminhar por esta estrada, é necessário dizer “sim” à cruz. É o anúncio da morte de Jesus Crucificado e Abandonado como essencial para a vida de unidade.

Depois das palavras de Simeão e Maria, ela experimentou o que foi a morte e o Abandono (Mt 2,13 ss), sendo vítima de uma passagem que se manchou do sangue de muitos inocentes.

O mesmo, nas devidas proporções, acontece com aqueles que seguem o caminho de Maria. O Ideal que eles vivem e que recebem é o universo está em antítese com este último. Não se pode superstabilizar, e querendo se manter no movimento, ele é atacado pelas primeiras críticas. É precisamente então que, amando em todas essas cruzes Jesus crucificado e abandonado, o perseguido por excelência, a fim de que o Ressuscitado continue a resplandecer no coração.

Jesus, aos 12 anos, fica em Jerusalém e fala aos doutores no Templo. Maria, ao encontra-lo, lhe diz: “Filho, por que fizeste isto meus? Olha, teu pai e eu estamos angustiados, a tua procura” (Lc 2,48). E Jesus responde: “Por que me procuráveis? Não sabés que devo estar naquilo que é de meu Pai?” (Lc 2,49).

Chegamos a uma nova etapa da vida de Maria, em cujo estado de ânimo podemos discernir uma analogia com um período típico da vida dos que se encaminham por esta estrada. De fato, eles — talvez depois de anos —, sentem, com aguda insistência, que afiram novamente várias tentações, uma dolorosa aridez, que, como efeito do carisma que abraçaram, há muito tinham desaparecido.

Sofrem com isso e, dirigindo-se ao Senhor, dizem: “Por que te afastes de mim?” Então, Ele parece respostas: “Mas não sabia que tudo o que experimentaste de belo e de bom era meu e que o recebeste unicamente por graça?”

E assim, formam-se assim as almas os alícizes de humildade, necessários para que Cristo possa viver e crescer. Provavelmente, é o período da chamada “noite dos sentidos”, de que falam os mistérios.

Também para Maria, a perda do Jesus no Templo constitui certa mancha uma “noite dos sentidos”: já o viu, já não ouvi a sua voz. A presença de Jesus subtraía-se ao seu amor de mãe.

Depois dessa provação, pelo que sabemos, Maria vive um longo período de intimidade familiar com Jesus.

Paralelamente, todos aqueles que aceitam humilmente e superam essas provações anteriores, encontram muitos momentos de uma unidade com Jesus nova e mais profunda.

Esse período nos também não faltam as cruzes, pode durar muito.

Em seguida, Jesus sai à vida pública. E Maria o acompanha na sua missão, com o coração e, às vezes, do perto.

E depois dessa desolação? Maria permanece no centro do Cenáculo, com todo o seu carisma de maternalidade para com os Apóstolos, ao lado de Pedro, que Jesus constituíu o cabeça deles.

Maria já não “segle” Jesus. Agora, depois da vinda do Espírito Santo, de certo modo, transformou-se nele.
E, como outro Cristo, também ela coopera, à sua maneira, para a expansão da Igreja.

**Transformada n’Ele**

A essa meta, nas devidas proporções, visam também aqueles que vivem a espiritualidade da unidade, e podem chegar a ela.

É aquela etapa classificada pelos místicos como “uniao transformante”; quando “as figuras de Marta e de Maria se unem”; assim, uma atividade muito particular pelo bem da Igreja une-se a uma contemplação especialíssima.

E, finalmente, a hora da A Assunção, quando Deus chama Maria para o Céu.


Deus queira que também para nós seja assim!

Então, também nós iremos encontrar a nossa Mãe, a nossa santa, o nosso modelo, Aquela que, aqui na Terra, foi a nossa Líder, Rainha, Mãe.

Essa é o caminho de Maria, um caminho que cada um percorre de maneiras diferentes, de acordo com a sua correspondência e com as graças que Deus livremente derrama a quem Ele desej a.

São essas, pelo que foi exposto, em extrema síntese, algumas idéias sobre Maria, tal como é vista na sua Obra: Obra de Maria, o Rosário vivo que somos chamados a formar.

Rosário vivo, o nosso Movimento, o qual, desde que surgiu na Terra em 1943, nunca deixou de se nutrir, de se sustentar, de compassar o próprio caminho com a recitação do Rosário, com os seus mistérios de alegria, de dor, de glória. Agora foram acrescentados os “Mistérios da Luz”, e ficou mais bela, mais plena, mais completa a contemplação de Cristo, por meio dos olhos de Maria.

Obrigada, Santo Padre, pelo que fez por esta gloriosa oração a Maria.

E a ti, minha mãe, nossa mãe, mãe de todos os homens e mulheres do nosso planeta, deixa que eu repita: “Se alguma vez, ao entoar o Rosário, uma torrente de Céu nos envolve, e o mundo inteiro, por mais belo que seja, empanha-se diante de tamanho beleza, o que será encontrar-te, Maria?”